

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO, CRITICO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno II

Desterro -- Domingo 1 de Fevereiro de 1880

N. 6



O ARTISTA

Desterro, 1 de Fevereiro de 1880.

**Liberdade, egualdade
e fraternidade,**

CAPITULO I

*Definição da liberdade. Divisão da
mesma*

(Continuação)

Dividamos, agora, a liberdade.

Tiberghien divide-a em liberdade moral, liberdade civil e liberdade racional.

Liberdade moral (livre arbitrio) é a que diz respeito dos actos cumpridos ou não: atrange o licito e o illicito; liberdade civil é a que *concerne aos actos externos permitidos pela lei*; liberdade racional é a que tem por unico motivo o dever.

Quanto a nós, entendemos que toda a liberdade é racional, pois liberdade que não tem razão de ser, não é liberdade.

Dividiremos a liberdade baseada neste principio: *que o genero está na especie.*

Assim dividimos a liberdade em natural, canonica, civil e nacional.

Liberdade natural é a que tem o homem como homem; liberdade canonica é a que tem o homem como fiel; liberdade

civil é a que tem o homem como cidadão; liberdade nacional é a que têm as nações.

Assim como no direito natural está o principio fundamental de todos os mais direitos; assim também, na liberdade natural está o fundamento das demais liberdades.

Todo o direito é um, toda a liberdade é uma, porque o genero humano é um, que tem o seu principio em Deos, que é um.

O homem é essencialmente sociavel por isso é macho e femea; por isso, ainda, é multiplo na unidade.

Sem união não ha força, não ha progresso sem liberdade, que, como já o vimos, não é outra cousa mais do que o poder de *unir*, harmonizar as faculdades espirituas entre si e o espirito com o corpo.

O direito civil que não tem sua base no natural, não origina, porquanto nenhuma lei tem força de lei desde que offende o *direito natural*, assim, também, não ha liberdade civil que offenda a liberdade natural.

As nações podem pactuar entre si, como bem o quizerem, uma vez que não infriam o direito natural; os cidadãos podem fazer o que quizerem, uma vez que respeitem o direito natural.

E' isto o que se depreheende da famosa sentença de Christo: *-Dai a Deos o que é de Deos, dai a Cesar o que é de Cesar.*

Isto é o corollario do que dissemos: Que a liberdade humana é limitada,

relativa e condicional, como o mesmo homem,

Em conclusão d'este capitulo, diremos que, pelo que a cabamos de expôr, é a liberdade o poder de fazer o bem: é no uso que ella se ha de encontrar, diz Tiberghien e não no abuso.

O abuso, a liberdade para mais é a licença ou a anarchia; o abuso da liberdade para menos é o despotismo.

(Continúa.)

LITTERATURA

NEDJEDLIS O MOURO

OU

UMA VICTIMA DA INQUISIÇÃO

POR

J. F. Paz

II

O povo entusiasmado grita:

—Viva o novo Roldão!

—Quem lácia? perguntavam uns aos outros.

—E' valente! diziam todos.

O visconde levantou sua lança e retirou-se.

Os jogos continuaram a cada momento os assistentes applaudiam os vencedores.

—Não sei. O certo é que ganhou para nós.

—De certo. Mas onde diabo se meteu o capitão?

—Não sei. Porém elle matou o maldito taverneiro, que nos ensurdeceu com um tiro de pistola.

—Si elle cá não vem, é porque desencantou outro bolo... Com mil diabos, estão dando signal!

—O que será? perguntaram ao mesmo tempo todos os bandidos, olhando uns para os outros.

Com effeito, gritos semelhantes aos do môcho repercutiam fóra do edificio.

—Não ouvem? perguntou Edmundo, entrando. Os milhafres policiaesahi vêm.

Como o tufão que sopra furioso, fazendo desaparecer a folhagem secca que jaz pelo chão; assim, ás palavras de Ed-

FOLHETIM 8

EDMUNDO O BANDIDO

POR

JOSÉ PRATES

PRIMEIRA PARTE

LEONIDA

VI

—Não queres confessar, portanto, mores!

E com esse sangue frio de que dispõem todos os malvados, cravou a aguda faca no peito da desgraçada moça.

Quando Edmundo ahi chegou não encontrou ninguém além de tres cadáveres no meio de um mar de sangue.

Recuou horrorisado ante tam horripilante quadro.

Conheceu que tinha sido o causador de tantas desgraças, e teve remorso.

Mas o que fazer, si a necessidade assim ordenava?...
.....

No entanto, os salteadores, tendo obtido a força a indicação do lugar onde se achava o thesouro, para ahi se precipitaram e começavam a saquear-o desesperadamente.

—Cada vez tem mais!

—E' verdade. E' um bolo-modelo!

—Onde iria esse diabo buscar tanto dinheiro?

A 6 horas da tarde, acabou-se a festa, e os cavalleiros se retirão e os assistentes tambem.

O visconde retirou-se indignado, porque já tinha manchado seu brazão com uma derrota.

Era a primeira vez que elle ficava vencido.

Estava ancioso para conhecer o seu vencedor.

No dia seguinte, ao amanhecer, o fidalgo D. Rodrigo observou que o visconde estava triste, e para distrair-o imaginou uma caçada.

Com effeito, depois do almoço, os deus amigos sairão armados e acompanhados por grande numero de creados, e fôrão caçar no fundo da quinta.

A grande quantidade de aves de ricas plumagens attrahio de tal sorte o visconde que este separou-se de D. Rodrigo, sem que os creados o vissem.

Já estava a uma grande distancia, quando, olhando em redor de si, vio-se só.

Quiz voltar, mas como tivesse perdido o rumo, sentou-se sobre um tronco de arvore que as enxurradas tinham prostrado por terra.

Estava pensando, quando appareceu um mouro: era Nedjedlis.

—Que faz aqui? perguntou o recém-chegado.

O visconde, assustado, respondeu-lhe:

—Espero os meus creados.

—Sim; já sei, disse o mouro. Agora que cahiste nas mãos do teu inimigo, irás enfiar o ouro do teu brazão.

—Conheces-me?

—Eu sou aquelle cavalleiro negro que te venceo. Eu sou Nedjedlis o mouro. Agora morrerás para que eu não encontre rival e para que ao voltar para o paço real não te empenhes por minha desgraça.

—Perdoa! disse o visconde, ajoelhando-se.

O mouro já alçava o alfange, quando sentio-se preso. Olhou para traz e vio um criado arabe.

—Que vieste fazer aqui?

—Vim pedir-lhe a vida deste homem para conservação da sua.

—Porque?

—Porque lá em cima falla-se em cercar nossa casa, e vos matar, se por acaso o visconde for morto. E além disso, D. Elvira mandou pedir-lhe que salvasse esse miseravel.

—Bem, disse o mouro. Só por amor della! Vae-te!

Soltou o visconde e retirou-se.

O visconde não entendia o arabe, por isso não sabia o que os deus haviam dicto.

Ficou por algum tempo parado, depois tomando coragem, foi atravessando os espessos arvoredos.

Quando o mouro voltava para casa os criados e pagens de casa do fidalgo D. Rodrigo armados penetravam em sua casa, procurando-o.

Nedjedlis, coragoso, adiantou-se para elles e deixou-se prender.

Amarrarão-o e levarão-o para casa de D. Rodrigo.

Quando chegou ahi, Elvira o vio, o visconde tambem entrava.

Que coincidência.

O fidalgo ia mandar soltar-o mas o visconde gritou:

—Prenha-o! Prenha-o! Elle é um assassino! Elle é o cavalleiro negro!

Elvira desmaiou, o fidalgo mandou os criados que o prendessem n'uma sala que havia entre a cosinha e o gabinete de estudos.

Os criados o levarão para o lugar indicado, o fidalgo tomou as chaves da nova prisão e fechou-lhe as portas.

Nedjedlis ficou preso; o visconde havia se vingado; Elvira estava desmaiada e todos em confusão disião:

—Morreo! Morreo!

O Mouro quando entrou na sala que lhe ia servir de prisão voltou-se para o fidalgo D. Rodrigo e disse-lhe:

—Miseraveis! Não sabem conservar a honra de seus brasões!

(Continúa.)

COLLABORAÇÃO

Aula de desenho

Este importante estabelecimento, para o qual por varias vezes temos chamado a attenção das autoridades competentes, continua no mesmo estado de completo esquecimento.

A provincia, que dispense sommas enormes com a instrucção publica, sem tirar resultado algum, não se lembra de melhorar o estado d'este estabelecimento secundario, cujo resultado annual é superior ao de todas as aulas, quer primarias, quer secundarias, da provincia.

Ora, contando o referido estabelecimento com um diminuto auxilio da provincia, dá sempre um resultado superior aos dos outros; é claro que, si a provincia o coadjuvasse mais um pouco, melhor tambem seria o seu resultado.

Mas não sabemos a que attribuir esse indifferentismo, que é causa da aula lutar, como actualmente está lutando, com enormes difficuldades.

Ha bem pouco tempo, a aula de desenho funcionava n'uma das salas da loja maçônica que a provincia acaba de comprar.

Ora, o dever da provincia, fazendo esse negocio, era contractar qualquer predio onde a aula podesse funcionar, e não deixar o professor lutar com difficuldades, sem ter uma casa, a não ser a sua, onde estabelecer o seu magisterio.

Parece-nos incrível que um propagador da instrucção seja tão mal recompensado.

A provincia devia olhar para isso, e não consentir que o sr. Manoel Francisco das Oliveiras abrisse a aula no corredor da sua propria casa, vendo se obrigado a dividir os alumnos em turmas, tendo cada uma d'ellas a sua noite de lição, porque o local é tão limitado que não admite todos os alumnos junctos.

Este facto é digno de sério reparo.

Agora, si a provincia entende que a aula não dá resultado sufficiente, extinga-a, mas não lance-a ao esquecimento.

Aguardamos as providencias.

mundo fugitivo por um grupo de arvores, ouviu as seguintes palavras:

—« Algum dia, Edmundo, a justiça porá as suas mãos de ferro sobre a tua cabeça criminosa. »

—Ah! miseravel! exclamou o salteador, reconhecendo a voz de João.

Quiz voltar para saciar n'elle a sua sede de vingança, mas o turdilhão de soldados já vinha proximo, fazendo fogo sobre os fugitivos.

VII

Deixámos João no meio da estrada, quando sahiu do castello.

O traidor quiz ver o resultado da sua obra, e para esse fim occultou-se n'uma escura moita que ficava á orla da estrada, perto da habitação do conde.

Mas não era só para ver o resultado da sua obra que o traidor se occultava.

ahi estava: sentia uma força occulta de tel-o; um peso desconhecido comprimir-lhe o peito.

Quando vira Leonida, João experimentou uma sensação indifinivel, produzida pela belleza da moça.

Desde aquelle momento, esqueceu-se de tudo, porque o seu pensamento estava preso á mulher, cuja formosura deslumbrara-o.

Sentado no interior da matta sobre uma pedra musgosa, permanecia o bandido com a fronte inclinada sobre a mão direita, pensando em Leonida.

A mulher, quando formosa, a todos causa admiração, até aos entes mais insensiveis.

A formosura da veneziana impressionou o coração de João, e essa impressão foi pouco a pouco convertendo-se n'uma paixão ardente.

cava a nutrir em seu peito criminoso.

Já era passada uma hora depois que o bandido entregou-se á essas reflexões, quando um arruído, semelhante ao tropel de muita gente que se approximava, despertou-o d'aquella especie de lethargo.

Sacudiu a cabeça, como para espalhar o enxame de idéas que povoavam-lhe o cerebro, e avançou, sempre occulto, até a margem da estrada.

Era a patrulha que o conde mandára buscar.

—Então, disse o commandante da força, os gatunos vêm visitar o conde?

(Continúa)

Chimica alimentar

DOS ALIMENTOS E SEU VALOR NUTRITIVO

(Continuação do n. 5)

Tratemos agora de determinar a quantidade de alimentos necessários á nossa existencia. Para isto é sufficiente calcular as perdas que o corpo do homem sofre quotidianamente.

Com o fim de definir bem este ponto deve-se lembrar a comparação que fizemos do corpo humano com a machina a vapor.

Em consequencia de trabalho mecanico, formão-se, nas machinas, escorias e residuos; o mesmo acontece em nossos órgãos; restos de nossos tecidos são expellidos do corpo por meio das excreções.

Em um homem são perde-se quotidianamente bastante substancia organica, capaz de representar 120 a 130 grammos de principios albuminoides; e, pois, ha necessidade de procurar, para substituir aquella perda, pelo menos 100 grammos d'aquelles alimentos, e á carne, aos legumes seccos e ao pão iremos pedir.

Não é tudo ainda; além da perda dos principios albuminoides, ha outro que se opera todos os dias e que é representado por 280 grammos de carbono, proveniente das combustões interiores e expira pela bocca sob a forma de acido carbonico; é este carbono, que entretem o calor do corpo, que vamos buscar nos alimentos gordos, feculentos e assucarados.

Isto posto, a razão indispensavel ao corpo humano é facil de obter-se, pois que trata-se de achar de uma parte 100 a 130 grammos de principios albuminoides, reconstituintes, e de outra parte 280 grammos de alimentos combustiveis. Tudo o que for demais é inutil, tudo o que for de menos é insufficiente.

Os alimentos, não tendo valor senão pela quantidade de principios albuminosos e carbonados que contém, é sobre esta dupla base que é preciso calcular.

A classificação, portanto, admittida é a de alimentos *reparadores* e *calorigenicos*, conforme a maior ou menor quantidade de materia albuminosa ou carbonetada que possuem.

(Continúa.)

NOTICIARIO

Jornaes.—Agradecemos ás illustradas redacções as remessas dos seguintes jornaes:

Despertador, Regeneração, Conservador, Municipio, Verdade, Gazeta de Joinville, Gazeta de Uberaba, Correio Commercial, Baixo Amazonas, Echo do Paraná, Povo, Jornal do Penedo, Nova Aurora e o Mosaico Ouro-Pretano.

Obito.—Falleceu no dia 30 do mez findo, pelas 10 horas da manhã, victima da enfermidade chronica que soffria, a Exm^a. Sr^a. D. Generosa Capistrano, filha do já finado Capitão reformado do Exercito Antonio Agostinho Capistrano.

Conservando-se no estado de solteira, já em idade avançada e vendo agravar-se o mal que padecia desde a meninice, a illustre enferma, possuindo bens, sem herdeiros forçosos, fizera ha poucos dias o seu testamento, cujas disposições aliás não conhecemos.

A aggravação de seus soffrimentos durou talvez dous ou trez mezes, em que foi quasi geral o interesse que manifestou o povo desterrense pelas melhoras pela vida de tão estimavel e caridosa senhora.

Terminamos estas linhas, apressadamente escriptas, dirigindo nossos seuidos pesames ao nosso talentoso collaborador e joven amigo, o sr. José Francisco Paz, que tendo sido educado por aquella virtuosa senhora e vivendo em sua companhia, será o primeiro a lamentar a perda da pessoa que lhe votava amor verdadeiramente maternal a até pretendia fazel-o frequentar o curso de uma das Academias do Imperio, correspondendo elle á tão generosos sentimentos com a sua louvavel applicação ao estudo e o seu exemplar comportamento.

A' respeitavel Madrastra e á todos os illustres Parentes da finada, os nossos sinceros pesames.

O sr. Idelphonso Dutra.

Este nosso joven comprovinciano e amigo acha-se entre nós, disructando as férias que lhe foram concedidas, bem como aos seus companheiros de aula, apóz um anno d'estudo.

Dispondo de intelligencia e força de vontade, esse nosso amigo tem apresentado bellos desenhos mecanicos, sendo sempre premiado com diplomas de primeiro grão.

Ultimamente presenteou ao seu ex-professor o sr. Manoel Francisco das Oliveiras com um lindo trabalho mecanico, dando assim uma prova de se não ter esquecido d'aquelle que deu-lhe as primeiras lições.

Que se desenvolva e chegue com brevidade ao fim a que se destina é o que almejamos-lhe.

Procissão.—No domingo ultimo teve lugar a procissão do Glorioso Martyr S. Sebastião, sendo muito concorrida da parte dos fieis.

Não obstante, deu-se certos factos que não podemos deixar de censurar.

Nos mais annos, as pessoas que seguavam nas varas do palio eram as primeiras autoridades desta cidade; porém neste anno deu-se o contrario, sendo meia duzia de meninos os conductores do palio.

Similhante facto nunca se deu, e desejariamos muito que não mais se reproduza.

Dêmos tambem pela ausencia do sr.

vigario, que commetten uma falta não comparecendo á procissão; mas attribuímos isso a alguma *enxaqueca*...

De maneiras que, a não ser o reverendo conego Eloy, que é pai para toda obra, e o padre Bernardo, que presta-se gratuitamente a esses actos, quasi que não podemos contar com o sr. vigario.

Abuso policial.—Os policias rondantes da rua do Principe, das nove horas da noite em diante, reúnem-se no canto do sr. Capella e travam de conversação, esquecendo-se assim das suas obrigações.

Sem si lhes importar as familias que por alli moram, que já não se atrevem a chegar ás janellas, pronunciando palavras obscenas no calor da discussão, que quasi sempre versa sobre *aventuras amorosas*!

Até a policia tem amores!

Seria bom que o sr. dr. chefe de policia cohibisse similhante abuso, a bem da moralidade publica.

CORRESPONDENCIA

Cartas de um Roceiro ilha-gracence

Carta 2.^a

Caro sr. do Artista:

Depois de lhe hever escripto a minha primeira carta, tive coegas de escrever-lhe logo a segunda.

Ahi vae ella: vae pela linha telegraphica e sem suppressão nem de um—de!

E' despeza, é; mas, si é meu gosto..

Em compensação só peço ao sr. redactor que veja si me pôde remetter sempre os numeros do « Artista » em duplicata, que é para eu mandar de cada vez um exemplar ao meu campadre do Inhurapên.

Aquillo é bom homem, e parece-me já o estar vendo a ler e a reler com interesse e enthusiasmo todas as syllabas de todas as palavras de todas as linhas de todas as columnas de todos os numeros do nosso festejado periodico que eu lhe for enviando!

Raras vezes, sr. redactor, vou a cidade, e a necessidade que lá me leva, faz-me crer que tambem era roceiro, e portanto meu collega, quem foi o primeiro a dizer esta verdade:

« Roceiro na cidade é força de negocio ».

As noticias que lhe vou dando são-me trazidas pelos « meninos da escola, filhos da Candinha, » que por isso se constituíram meus informantes ou noticiaristas, a modo dos « Reporters » da « Revista illustrada » de que sou assignante « por estas praias de limpas areias.. »

Este meu systema (bem bom que elle é) de viver « pregado » na roça... já faz suppor a alguns que me estou « metamorphoseando em mandioca » e a outros

que me fiz « pedreiro livre » (santo breve da marca !) ou que estou ficando « judeu » ou « hereje » !!! E sabe o sr. redactor porque isto tudo? Porque tenho deixado de ir regularmente ás santissimas missas do « nosso sacratissimo » o quanto « sapientisso » pastor !...

Veja isto ! que injustiça que elles me fazem !...

E eu não sou assim.

Tenho por aqui as minhas occupações, as minhas utilidades e as minhas distrações; e entendo que, para orar, para eu levantar o meu pensamento a Deus, nada mais preciso do que orar com fé, com esperança e com caridade.

Que importa que o lugar seja este ou aquelle? Deus não está em toda a parte?

Agora pergunto eu: Qual o motivo que faz o povo, em quasi sua totalidade, esquecer-se de ir á igreja, como eu vi, ha 3 ou 4 semanas que lá estive?

Confessemos: « Dantes » não era assim?

Porque isto hoje?

Será arrefecimento de fé?

Recumação de crenças?

Ou será porque outr'ora era uma coisa e hoje é outra mui differente?

Heide, sr. redactor, estudar bem esta questão, « mais dias, menos dias », e então voltarei á ella.

Tambem vou submettel-a ao criterio e perspicacia de meu compadre « Matuto ». Veremos o que elle dirá.

Aqui, de quando em quando, nos apparecem « notabilissimas celebridades ».

(Continúa.)

CRITICA

Scenas da actualidade

E' esta a terceira vez que venho amolar a paciencia dos leitores com os meus ensossos escriptos.

Sei perfeitamente que algumas pessoas não gostam de ler o que escrevo, taxando-me de massante, insulso e outras cousas que taes; mas eu, que conheço muito bem o que é esta gente, faço ouvidos de mercador e continuo o meu caminho, aguardando occasião opportuna para dar-lhes uma lição de mestre, bem como áquelles que devolveram o « Artista » por ter elle publicado alguns artigos em prol da republica.

E' preciso notar-se que essas pessoas pertencem ao gremio conservador, que teme mais a republica do que o diabo á Cruz!

Não é, attendendo á perda de assignantes que fallo, e sim da maneira pouco delicada com que esses senhores portaram-se para com a redacção do « Artista », dando assim uma prova de não terem educação.

Faço idéa da algazarra que estão fazendo os que levaram esta lambada; deve mais ser forte do que a que ultimamente fez o Zé Pereira, percorrendo as ruas da capital ao som aborrido das caixas de rufo, annunciando a vinda do folgazão carnavalesco.

As sociedades carnavalescas que se vão preparando para sahirem-se bem na função, principalmente os Companheiros do Silencio que o anno passado representaram um ridiculo papel, ignorando completamente o romance, cujos protagonistas eram por elles representados.

Mas este anno, é de crer, devem trazer na ponta da lingua o conteúdo do romance, e não tornarem a fazer desordens durante o *fandango*, como no anno passado, ficando classificados como *companheiros do barulho* em vez de Companheiros do Silencio.

Estou rouxo para ver o carnaval este anno; mas, a fallar a verdade, preferia o da côrte.

Lá sim ! o carnaval é outra coisa !

As criticas, segundo escreveu-me um amigo, que toma parte n'ellas, são numerosas, sendo a maior parte feita ao ministerio, incluindo o *grand homme* e toda a sua ninhada.

Será esta ainda uma das *honrosas manifestações* que elle vae receber.

Disse-me mais o amigo que o governo tenciona prohibir o carnaval; mas o povinho—quer, pode e manda—e elle não tem outro remedio senão metter a viola no sacco.

D'esta vez só occupei-me com o carnaval, deixando de narrar o que se passa n'esta cidade, que, a meu ver, é um palco onde se exhibem scenas moraes e immorales, sendo as primeira em maior numero.

Não obstante, as scenas immorales não se deixam ficar muito atraz, porque, entre as poucas pessoas que occupam-se em desempenhar-as, ha uma que sabresahe a todas, e é bastante para representar a immoralidade no seu auge.

Esse celebre actor é um mariola alto, gordo, de olhos tortos, conhecido por B..... que entende que deve usar para com as familias honestas o que costuma dizer ás Messalinas, em cujas casas vive constantemente, á vista de Deos e de Mundo,

E' bom que os srs. pais de familia tomem as necessarias precauções para evitar que suas filhas sejam victimas dos dictérios de semelhante canalha.

Não escrevo aqui o seu nome por extenso, porque tenho dó d'elle; mas prometto, si continuar na mesma, escrevel-o em letras bem gordas, cantando-lhe em seguida a buena-dicha.

Veja agora o que faz, sr. B.....

EPAMINODAS.

À PEDIDO

Sr. redactor

Venho á imprensa, não para responder ao acervo de injurias, que me atira em sou artigo o sr. Araujo, porque isso seria enxovalhar-me, mas tão sómente appellar para as pessoas de S. Francisco e na capital que conhecem minha familia e mesmo a mim. Aosensato juizo d'es-

sas pessoas deixo a apreciação do escripto do sr. Araujo, que felizmente já é bastante conhecido.

Cumpre-me ao mesmo tempo declarar, que jamais voltarei a occupar-me com tão desconhecida entidade.

Desterro, 29 de Janeiro de 1880.

Joaquim Antonio de S. Thiago.

A decifração do 1. logogripho do numero passado é—PARACLITO.

Guarany.

VARIETADES

Charadas

(EM QUADRO)

Ao sr. Tenente Conceição.

Entre os tartaros um pontifice;
Rio da Asia encontrarás;
Foi adorado na Gallia....
E arvore da India acharás.

Da Grecia é este rio.
De França uma cidade.
Faz-se para cultivar
E deshumano d'outra idade.

LE MIGNON,

Ao Snr. L. Silveira da Veiga.

Se encontras um pretexto, 1
Sou o globo, cacador: 2
Acharás moeda de ouro,
E de não grande valor.

Plutão e Achilles.

A decifração do 2. logogripho do numero passado é—Oxyrodino.

Os mesmos.

ANNUNCIOS

A PECCADORA

O abaixo assignado declara aos Snrs. assignantes do drama **A Peccadora** que por todo o mez de fevereiro terá logar a entrega dos volumes, procedendo-se n'essa occasião á respectiva cobrança.

Horacio Nunes D.

S. B. Sete de Setembro

Previne-se aos srs. socios e suas exms. familias que, sabbado 7 do corrente mez, terá lugar, na casa da residencia da sociedade, pelas 5 horas da tarde, o festejo do estandarte da mesma, e á noite a partida.

Secretaria da sociedade Sete de Setembro 1. de Fevereiro de 1880.

O primeiro secretario

J. L. Gomes.

Typ. e Lith. de Alex. Margarida.